

O PLURALISMO RELIGIOSO E SEUS CONFLITOS NA EDUCAÇÃO POPULAR: O OLHAR DE EDUCADORES

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. –UEPA – nildeapoluceno@uol.com.br.

GT: Educação Popular / n.06

Agência Financiadora: UEPA

Introdução

No âmbito educacional o que vem sendo problematizado e debatido é o ensino religioso. A inclusão da disciplina ensino religioso no currículo das escolas públicas de ensino fundamental no Brasil vem suscitando debates sobre questões como: a liberdade de opção religiosa, a separação entre o Estado e a Igreja e a consolidação de uma escola pública laica, universal e obrigatória.

Para Cury (2004, p. 184), o ensino religioso é problemático, porque envolve «a laicidade do Estado, a secularização da cultura, a realidade socioantropológica dos múltiplos credos e a face existencial de cada indivíduo».

Na escola, o ensino religioso é considerado uma área de conhecimento e faz parte dos currículos oficiais da escola. O ensino religioso é facultativo e a sua abordagem está proposta no Parecer Nº 05/97 do CNE (apud PAULY, 2004, p. 179), na perspectiva de uma «história da religião, antropologia cultural, ética religiosa», procurando manter o caráter científico, o princípio da laicidade e a neutralidade do docente em relação às religiões existentes.

Apesar da busca da neutralidade religiosa da escola pública, princípios religiosos influenciam na organização e nas práticas pedagógicas cotidianas da escola, como por exemplo, a não frequência à escola no sábado, que vem de encontro às regras de assiduidade no ensino presencial. Muitas escolas ajustam seus calendários de provas para atender à demanda dessa população. Quando não há essa preocupação com o respeito à opção religiosa são instaurados conflitos e problemas de discriminação e de exclusão no âmbito da escola.

Além disso, representações e manifestações de religiosidade, seja por meio de sinais ou práticas religiosas estão presentes no cotidiano escolar, expressas pelos educandos em suas falas, em seus textos e em seus desenhos e que demarcam a sua história de vida e cultural.

Como é que os educadores trabalham as representações e manifestações de religiosidade dos(as) alunos(as)? Essa questão vai além do debate sobre o ensino religioso como matéria de conhecimento, porque envolve as relações intersubjetivas nas práticas pedagógicas escolares. E, a diferença por fator religioso constitui-se em uma problemática ético-política diante de uma sociedade e de uma escola excludente.

Consideramos como Werebe (2004, p. 196) que o laicismo não significa a imposição de uma orientação anti-religiosa ao ensino e à sociedade, mas define-se «pela tolerância, pela aceitação, pelo respeito ao outro, diferente e ao mesmo tempo igual em deveres e direitos». O laicismo pauta-se na liberdade de crença (WEREBE, 2004, p. 196).

Por isso, analisar as representações e manifestações de religiosidade presentes nas práticas educativas, apresentando como os educandos expressam a sua religiosidade em seu processo de aprendizagem dos conteúdos escolares e como os docentes trabalham pedagogicamente essas representações e manifestações religiosas dos discentes em classe nos ajudam a pensar a religiosidade nos espaços educativos de forma mais ampla do que a de uma matéria de conhecimento, trazendo a religiosidade para o debate do pluralismo religioso e da inclusão escolar, que perpassa pela compreensão da diferença religiosa em suas dimensões históricas, culturais e políticas.

Neste estudo apresentamos dados de uma pesquisa realizada de outubro de 2004 a dezembro de 2005, em um Espaço Educativo Popular¹, que desenvolve a alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas em comunidades periféricas e hospitalares na cidade de Belém, e em comunidades rurais ribeirinhas do Estado do Pará, tendo como referência teórica o pensamento educacional de Paulo Freire.

O objetivo da pesquisa foi verificar como os educadores estão trabalhando pedagogicamente as manifestações religiosas de seus educandos nos ambientes alfabetizadores e repensar a práxis alfabetizadora de jovens, adultos e idosos, a partir da reflexão sobre os saberes e as representações sociais sobre religiosidade presentes na prática cotidiana desses sujeitos em seu contexto sociocultural.

Por tratar-se de uma pesquisa de campo e de abordagem qualitativa, cujos sujeitos são educadores e alfabetizandos do Espaço Educativo Popular², realizamos a

¹ O nome da Instituição e dos Educadores mencionados são fictícios para não serem identificados.

² A pesquisa envolveu como sujeitos 04 educadores, 33 alfabetizandos em Belém e 19 pessoas de comunidades rurais-ribeirinhas, sendo destas, 07 educandos do Espaço Educativo Popular.

sistematização e a análise dos dados obtidos por meio de entrevistas, de dinâmicas pedagógicas, de desenhos produzidos pelos alfabetizados, de observações participantes, de reunião com os ribeirinhos e de leituras realizadas durante toda a pesquisa, por meio de análise descritiva e interpretativa das representações sobre a religiosidade pelos sujeitos da pesquisa.

Para análise das falas e dos desenhos produzidos foram construídas quatro questões norteadoras:

- 1) *O que os sujeitos representam sobre religiosidade* (símbolos, códigos, etc.).
- 2) *Como se dá a manifestação da religiosidade?* (em que contexto, situações, etc.).
- 3) *A que saberes as representações estão relacionadas?* (histórico, cultural, lingüístico, etc.).
- 4) *Quais os efeitos dessas representações no ambiente social e educativo?* (interferência no processo social e educacional).

Essas questões foram elaboradas tendo-se como pressuposto de que no estudo das representações sociais, conforme Jodelet (1989 apud PEREIRA DE SÁ, 1998), há necessidade de se descrever o conteúdo cognitivo das representações em relação às condições socioculturais e ao estatuto epistemológico das representações sociais. Para Cattelan (2003, p. 80-81) a Representação Social «é um conhecimento social, constituído por uma forma de ler o mundo. É a forma com que um objeto é visto por sujeitos sócio-históricos [...] É, portanto, tributária de uma certa posição social».

Assim, inicialmente analisaremos a religiosidade como uma forma de manifestação humana e, em seguida, apresentaremos as principais representações e manifestações da religiosidade dos educandos nas práticas educativas populares com pessoas jovens, adultas e idosas do Espaço Educativo Popular e como os educadores trabalham essas representações/manifestações religiosas e os conflitos provenientes do pluralismo religioso presente em suas práticas pedagógicas.

A religiosidade como manifestação humana

Para Boff (2000) a transcendência e a imanência são constitutivas da realidade humana. O ser humano é um ser de transcendência, porque não está pronto, acabado, está aberto ao mundo. A transcendência consiste na capacidade do ser humano de

romper todos os limites e violar os interstícios. O ser humano transcende as determinações e os seus limites, superando a imanência e, na comunicação que estabelece com o mundo e com o outro realiza a si próprio, construindo o seu ser. Está aberto ao conhecimento, a um ser pleno e ao infinito, convivendo com a dialética: transcendência e imanência, o enraizamento e a abertura. A transcendência, então, viabiliza a relação do ser humano com Deus.

Etimologicamente a palavra religião vem do verbo latino *religare* (*re-ligare*). Religar pressupõe uma ligação originária desfeita, mas que admite uma nova ligação (*re-ligar*).

Segundo Cury (2004, p. 188):

Para uns, a religião é um retorno ampliado a uma comunhão cósmica e telúrica. Para outros, o surgimento da vida, o encantamento com o céu estrelado e com a consciência interior de cada qual inspiram postular a passagem do universo terreno ao universo da transcendência ou, em outros termos, no encontro do outro com o Outro. Esta passagem – para uns, uma questão de argumento lógico, para outros um salto na fé – significou o aparecimento de múltiplas modalidades de expressar a religião do homem com o Transcendente. Ao mesmo tempo, tal religião foi a oportunidade para que muitos também expressassem um humanismo radical no âmbito exclusivo da terrenalidade e da temporalidade.

A religião, então, «seria, ante o distanciamento dos homens entre si e deles com o seu Criador, um caminho de reencontro e de religião mútuos». (CURY, 2004, p. 188)

Explica Chiavegato (1979, p. 56) que as religiões «compõem-se basicamente de três elementos: 1) o reconhecimento de um poder ou poderes que não dependem do homem; 2) um sentimento de dependência em relação a esse ou esses poderes; 3) o entrar em relação com o ou os mesmos».

A crença em um ou vários poderes superiores faz com que o ser humano organize-se em grupos e em instituições (templos/igrejas), crie certos atos concretos, rituais e símbolos, bem como regulamente os atos de sua vida. Neste sentido a religião é demarcada, segundo Durkheim (1996) pelo coletivo e pela institucionalização de suas crenças e ritos por meio da Igreja.

A religiosidade envolve símbolos e práticas oriundas de diversas fontes religiosas e inclui a fé em Deus, a crença em milagres e experiências místicas, tendo como base a "experiência do sagrado" e a relação entre transcendência e imanência.

O religioso, então,

faz parte da percepção do divino sob a forma de “fascinante” e “atemorizante”(...) Sua raiz é a experiência do sagrado, vivida na ambigüidade de nossa psicologia, história, raça, cultura, tradições e que se expressa em atos, gestos, cultos, danças, palavras, símbolos, tentando assim manifestar a relação do homem indivíduo e comunidade, com o Sagrado e o Mistério» (LIBÂNIO 1975 apud CHIAVEGATO, 1979, p. 67).

Entretanto, as relações que estabelece com o Ente superior, nem sempre estão mediadas pelos ritos e celebrações das instituições. O ser humano, também, durante a sua existência mantém diálogo com o Ser Superior, pautado na fé. Para Chiavegato (1979, p. 67) a fé «coloca-se do lado da compreensão da realidade, na linha da experiência, do acatamento do sentido radical da existência, como expressão do dom de Deus, que nos convoca a uma comunhão de amor com ele e com os irmãos».

Boff (2003, p. 102) distingue a espiritualidade da mística. A *espiritualidade* seria a «atitude pela qual o ser humano se sente ligado ao todo percebe o fio condutor que liga e re-liga todas as coisas para formarem um cosmos». A experiência da espiritualidade permite ao ser humano nomear esse fio condutor, dialogar e entrar em comunicação com ele, que é denominado entre outros nomes de «Fonte Originária de todas as coisas», «Mistério do Mundo» ou «Deus». A mística é entendida como a «forma de ser e de sentir que acolhe e interioriza experiencialmente esse Mistério sem nome e permite que ele impregne toda a existência». Assim, não é o saber sobre Deus, mas o sentir Deus que funda o místico. A mística e a espiritualidade se exteriorizam institucionalmente nas diversas religiões do mundo, que são gestadoras de esperança, de salvação e de um destino transcendente do ser humano, trabalhando os valores e anunciando o Supremo Valor. A espiritualidade e a mística contém discursos éticos, valores e normas que são fundamentais às atitudes do ser humano no mundo.

Desta forma, *espiritualidade, fé, mística, religião e religiosidade* convivem juntas nas práticas dos diversos grupos sociais. E essas manifestações místicas, de fé, de espiritualidade, ou de uso de sinais e símbolos religiosos estão presentes nas práticas cotidianas dos alfabetizados do Espaço Educativo Popular.

Representações e manifestações sobre religiosidade em práticas educativas populares

Nas práticas educativas populares nos ambientes hospitalares, centros comunitários e comunidades ribeirinhas do Espaço Educativo pesquisado defrontamos com representações e manifestações religiosas expressas pelos (as) educandos(as) em diversas atividades pedagógicas: desenhos, oralidade, produção de textos, etc.

O que expressam como manifestação religiosa? Que símbolos religiosos são mais utilizados? Como se dá a relação entre o ser humano e Deus perante seus problemas existenciais? Que saberes possuem sobre religiosidade/religião? Quais as influências da religião/religiosidade em suas vidas? Que conflitos por motivos religiosos estão presentes em seu cotidiano social?

Na análise de textos produzidos por jovens e adultos, de comunidades periféricas e ambientes hospitalares de Belém, observamos que, ao relatarem fatos de suas vidas pessoais e familiares, fazem referência a *Deus*, o qual está associado ao *sentimento de amor*, bem como expressa relação de dependência do ser humano a Deus, sob a forma de agradecimento e de preceitos de religiões cristãs, como «amar ao próximo».

Segundo o educador Márcio, de um dos ambientes hospitalares, os educandos expressam por meio da fala que Deus: «é tudo», «é a base, é a vida, é o Universo, é o Salvador». Deus, a religião e a fé são vistos como capazes de livrar o ser humano dos males e dos perigos. Deus é representado, também, como o *criador de todas as coisas* e também associado a figuras da natureza como a planta, as estrelas, a lua, etc, não existindo diferença entre o criador e a sua criação. Atribui-se a Deus a criação de todo o universo.

Nos desenhos dos alfabetizandos, ao falarem de suas histórias de vida, alguns representam Deus *localizado no céu*, com *forma de pensamento*, com o significado de *fé*, com forma de *clarão* e de *figura humana*.

Helena, alfabetizanda de ambiente hospitalar, explicou que quando sofreu o acidente de escarpelamento viu uma espécie de "clarão", que identificou como sendo Deus, pois alega que foi esse "clarão" que a salvou da morte. Desenhou também Deus a sua imagem, ou seja, como uma pessoa careca, próxima a um barco, que afirmou ser aquele que sofreu seu acidente.

Outros desenhos foram relacionados à religião: a *casa*, como espaço de oração, o *terço*, como instrumento de comunicação com Deus via oração, e o *pão* e o *vinho* simbolizando a comunhão e o alimento espiritual. Os educandos referem-se, também, aos ensinamentos transmitidos pelos padres e pastores e na leitura do Evangelho/Bíblia, destacando, sobretudo, os ensinamentos referentes ao comportamento moral e as atitudes das pessoas em sociedade. Consideram que a palavra de Deus contida nos livros sagrados direciona como as pessoas devem viver em sociedade. E as causas dos

problemas sociais como a violência, a desunião familiar, o desrespeito aos pais, brigas, etc. estão no afastamento das pessoas de Deus e da religião.

Além da *Igreja*, a figura de *Jesus*, do *anjo* e da *pomba*, como representação do Espírito Santo e expressão de paz, foram desenhados pelos educandos. A religiosidade é manifestada ainda pelos educandos por meio da referência a alguns atos que estão associados às suas religiões, tais como: ir à *missa ou culto*, *ler o evangelho*, *rezar o terço* à noite, *fazer corrente de oração*, *ler o pergaminho budista*, entre outros.

Essas representações evidenciam a existência do pluralismo religioso nas turmas, encontrando-se educandos católicos, evangélicos de diferentes igrejas, budistas e ateus. Identificou-se, também, a participação de educandos católicos em cultos de outras instituições religiosas como: a Igreja Quadrangular, o Centro Espírita, a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Triangular, a Assembléia de Deus, o Deus é Amor e a Igreja Batista.

A religiosidade nas turmas de alfabetização em comunidades hospitalares está presente em torno de complexas questões como *vida-morte* e *saúde-cura*.

Segundo Oliveira et al (2004, p.20), os encontros educativos revelam «a sensação de morte iminente a qual sofrem os educandos», cuja sensação é carregada, na maioria das vezes, de sentimentos de terror diante da doença, dos tratamentos, das dificuldades financeiras e, sobretudo, ampliada diante do anúncio do falecimento de algum de seus amigos ou de outros pacientes do hospital.

Diante da morte, várias manifestações de religiosidade são expressas pelos educandos jovens e adultos nos ambientes hospitalares, que mediante a fé procuram força espiritual para enfrentar sua doença e obter a cura. Há nestes educandos-pacientes fé em Deus e esperança de cura. O enfrentamento da doença, principalmente o câncer, faz com que essas pessoas firmem mais a sua fé em Deus e provoque mudanças significativas em suas vidas (BRAGA, 2005).

Braga (2005) explica que entre os educandos jovens e adultos portadores de câncer alguns símbolos religiosos estão presentes em seu cotidiano nos ambientes hospitalares: a Nossa Senhora de Nazaré, companheira que vai ao povo em busca de libertação, os cantos litúrgicos, os textos bíblicos e a oração. Além desses símbolos, uma das manifestações de religiosidade presente nas nos ambientes hospitalares é a aceitação passiva de um destino ou resignação.

Oliveira et al (2004) explica que muitos educandos-pacientes encontram-se resignados perante sua doença, porque a encara como vontade de Deus. Assumem atitudes passivas, colocando a responsabilidade nas mãos d'Ele, chegando, inclusive alguns, a abandonarem as terapias médicas convencionais permanecendo apenas com os “tratamentos espirituais”.

A religiosidade: tema complexo e conflituoso para os educadores populares

Em relação à religiosidade na prática pedagógica, todos os educadores entrevistados afirmaram não utilizar a religiosidade como tema gerador, nem como matéria de conhecimento. Mas, pelo fato de ser expressa pelos educandos durante o desenvolvimento das aulas, acaba interferindo no seu planejamento e na realização de suas atividades didáticas preparadas e trabalhadas no ambiente educativo.

Márcio, um dos educadores, não utilizou o tema religiosidade como matéria de estudos e debates, mas explicou que os temas geradores que trabalhava no ambiente hospitalar circundavam o tema religiosidade, como exemplo citou o *trabalho* e a *família*. Disse que: «a religiosidade é como esteio de todos os temas geradores, ou esteio ou complemento para explicar o que eles entendiam sobre o mundo. A gente chegou a discutir sobre Deus».

Lúcia, educadora de comunidade periférica, afirmou que em sua classe não usou o tema religiosidade como gerador, mas manifestou a religiosidade por meio de oração coletiva. «Quando a gente se despedia, no final de cada encontro, nas terças e nas quintas feiras, a gente fazia uma roda e rezava o pai nosso que é uma oração comum às religiões». A religiosidade manifestava-se em seu espaço educativo como necessidade dos próprios educandos, de eles ficarem mais próximos dos professores e também para desmistificar a visão de que os educadores universitários sabem tudo e eles, analfabetos em potencial, não sabem nada. «A gente conseguiu desconstruir isso e ficou uma relação, uma proximidade muito mais amorosa e respeitosa».

Observou Márcio que nos temas geradores a manifestação da religiosidade se dava por meio de falas e gestos dos educandos. Antes do trabalho, por exemplo, eles rezavam. «Tinham papezinhos de Igreja, a própria Bíblia, faziam o sinal da cruz». Explica como um caso interessante o de um educando adventista, para o qual a religiosidade seria um engajamento político. «Deus expressava a vinda dele para Terra diante dos problemas dos amigos dele dando uma missão pra ele, ajudar a resolver os problemas dos amigos dele». Assim, ele não trabalhou especificamente com o tema

religiosidade, mas realizou várias atividades envolvendo trabalho espiritual, fora os comentários sobre religiosidade e outros temas.

A educadora Teresa apesar de perceber a importância do fenômeno religioso para os comunitários ribeirinhos alfabetizados, nunca trabalhou com o tema religiosidade. Não soube explicar o porquê, mas deu a entender que nunca tinha olhado para o tema como potencialmente educativo.

Lúcia observou nas manifestações religiosas de seus educandos, a crença e a afirmação dos preceitos morais adquiridos pela religião. Como os demais educadores, considerou que a religiosidade está intrínseca nos temas geradores estudados em classe. Explicou, ainda, que os educandos pedem, em épocas comemorativas, como na Páscoa, no Círio e no *Corpus Christi*, para falar sobre o que essas datas representam, a importância delas e o porquê de sua existência. «A gente abre um parêntese para discutir essas datas, mas claro, sempre relacionadas com um tema maior».

A educadora Elisa, de um dos ambientes hospitalares, explicou que «a fé em Deus e a fé na cura estão muito presentes» e que os educandos manifestam no diálogo não só em aula, mas em outros espaços, a esperança de cura pela fé em Deus. Ressalta que as manifestações de religiosidade estão sempre presentes nos temas do cotidiano trabalhados em classe. Cita como exemplo, que quando tratou em sala do tema família, um aluno escreveu sobre o casamento, «o que Deus une ninguém separa».

Os educadores que trabalham em ambiente hospitalar, preocupados com a questão vida-morte expressa nas manifestações religiosas dos alfabetizados, passaram a considerar a *complexidade vida-morte* como fenômeno educativo e humanizador.

Teríamos de construir uma ação educativa pautada numa compreensão humanística de homens e mulheres, dos marginalizados de seus direitos à vida, tornando-se instrumento da problematização da morte, fazendo com que educandos e educadores em comunhão dialógica objetivem compreender as múltiplas dimensões da morte criticando-a, criando a possibilidade de, num revés dialético, entender a vida (OLIVEIRA et al, 2004, p.23).

Assim, os educadores apesar de não trabalharem a religiosidade como tema gerador vêm construindo em suas práticas educativas dialogadas com os educandos, atitudes de respeito às diferenças religiosas e uma convivência de solidariedade e de união pautada, sobretudo, nos princípios éticos e humanistas cristãos de Paulo Freire, que norteiam o projeto pedagógico do Espaço Educativo Popular pesquisado.

A religiosidade nos discursos dos educandos e dos educadores aparece como tema *complexo e conflituoso*. Isto surge em função do pluralismo religioso existente entre os educandos, alguns dos quais demonstram intolerância religiosa, em face do complexo processo histórico de formação cultural do Brasil e também devido aos conflitos existenciais destas pessoas no que toca à vida religiosa.

Face aos conflitos marcados pela intolerância e pela visão etnocêntrica de mundo, os educadores afirmaram encontrar dificuldades pedagógicas para lidar com o tema, exigindo deles inovação pedagógica, ousadia metodológica e busca de coerência entre a prática de educador e os princípios éticos da educação libertadora.

A educadora Elisa destacou que encontra dificuldades em trabalhar as manifestações religiosas de seus educandos no ambiente hospitalar, porque existe uma diversidade de pessoas (oriundas da capital e do interior) e de credos (católicos, protestantes e ateus), tornando o tema religiosidade complexo e conflituoso.

O educador Márcio mencionou enfrentar conflitos em sala ao trabalhar o tema religiosidade: «pela minha própria história de vida, pelos meus conflitos, pela descrença. Mas eu tentei, eu tentei o máximo que pude. Eu estava ali com princípios humanistas». Ele enfatizou que conflitos emergiram em função de terem os educandos uma visão etnocêntrica, ou seja, por considerarem a sua religião a melhor. Eles afirmavam, por exemplo: «o meu Deus é melhor», « Sai daí, a minha religião pode salvar, é melhor», «o teu Deus está morto».

A educadora Lúcia também afirmou vivenciar conflitos por questões religiosas em sua turma e que, inclusive, esse fator interferiu no afastamento de alguns alunos das aulas. Explicou que, quando foi demolido o Centro Comunitário, local em que eram realizadas as aulas, foram todos transferidos para um ambiente pertencente a uma Igreja católica, porque foi o espaço que encontraram disponível. Porém, «as pessoas evangélicas não compareceram e também não disseram por que não iam. Mas a gente compreendeu que era por causa do local».

O educador Carlos destacou que na turma de alfabetização em área periférica de Belém, em que predominam pessoas idosas, uma das estratégias adotada para enfrentar a pluralidade religiosa e manter laços de solidariedade e de união na turma foi iniciar a aula, isso todos de comum acordo, rezando o Pai Nosso. A educadora Lúcia também destacou que essa oração é utilizada como respeito «às demais religiões, não só

católicas, mas, também, evangélicas presentes no grupo». O educador Márcio relatou a sua experiência com o Pai Nosso em sua turma de ambiente hospitalar:

vou contar uma situação, uma experiência própria. Teve uma situação que a minha religiosidade estava expressa ali. O Pai Nosso, por exemplo, nós nascemos com ele, aprendemos o que significa ele, parte dele está na nossa vida e eu fiz um Pai Nosso com os alunos. Nós rezamos um Pai Nosso, ficou decidido que ao final de cada encontro, de cada aula, nós optamos, todos, pessoas de todas as crenças, por fazer isso, inclusive os educadores. A gente se abraçava também, é algo muito emotivo, é do poder de uma razão sensível.

Os educadores populares encontraram por meio da oração Pai Nosso uma forma de estabelecer o diálogo entre os educandos, procurando superar os conflitos de interação interpessoal por questão religiosa, bem como respeitando a pluralidade religiosa presente na turma. Além desse direcionamento pedagógico por meio da oração Pai Nosso, em uma turma periférica de Belém foi usada pela educadora Vanda uma outra estratégia para buscar a tolerância religiosa.

A cada dia um educando propõe uma oração, não importa de qual religião seja. A cada oração os educandos pedem bênçãos, proteção a familiares, amigos, aos educandos e aos antigos educadores do NEP. A oração é fundamental porque mantém a coesão do grupo.

Essa educadora comenta que os conflitos inter-religiosos não mais são visíveis no grupo, como era há alguns anos. Diz que o grupo já fez bastante trabalho educativo com o tema, ensinando o respeito às diferenças e opções religiosas, e que além das ações pedagógicas para enfrentar os conflitos, o poder das orações foi determinante para instaurar um clima de paz entre os educandos.

Os educadores do Espaço Educativo Popular, por terem em seu projeto pedagógico uma educação humanista freireana, buscam olhar no cotidiano das práticas alfabetizadoras de jovens e adultos das classes populares as suas experiências de vida, as suas representações e manifestações culturais e religiosas, trabalhando os conflitos e o pluralismo cultural presente no ambiente escolar.

Apesar de não terem trabalhado a religiosidade como tema gerador, identificaram que as manifestações religiosas estão presentes no ambiente educativo ao debaterem algumas temáticas como, por exemplo, *família, violência, trabalho*, por meio de textos escritos, expressões orais, desenhos e alguns símbolos, como o sinal da cruz.

A preocupação desses educadores, então, não é com o ensino da religião, mas com o trabalho pedagógico face às manifestações religiosas presentes nas práticas educativas e que expressam a visão existencial e de mundo dos educandos.

Assim é que, independentemente da opção religiosa dos educadores, todos enfatizaram que em seu trabalho educativo procuram exprimir e defender valores e idéias como o respeito e a tolerância à diversidade religiosa, que é própria das múltiplas culturas humanas.

Os conflitos religiosos mais comuns que se estabelecem entre os educandos se dão por meio da rivalidade católicos e protestantes e estes últimos entre si, cada qual advogando para sua religião, muitas vezes de forma etnocêntrica e sectária, a crença no Deus único e legítimo. O meio comum por meio do qual os educadores buscam trabalhar seus princípios humanistas de respeito às diferenças é o *diálogo*. Estabelecido o diálogo, os conflitos são problematizados e postos à reflexão crítica por parte de todos.

Especialmente no meio rural onde as práticas de pajelança estão mais presentes, é possível verificar os conflitos entre os católicos e aqueles que mantêm a tradição religiosa ameríndia. Da mesma forma, os protestantes, crescentes em número e em influência na região rural ribeirinha pesquisada, vêm advogando a verdadeira crença em Deus e alguns deles empreendem ataques às religiões diferentes, especialmente a pajelança, compreendida também pelos católicos como «coisa do Diabo».

Da mesma forma, existe um conflito entre protestantes com o universo mítico-religioso indígena que, entre outras expressões, comporta a crença em entidades terrestres (*curupira, matin, anhangá*) e aquáticas (*boto, cobra grande*). Uma pessoa protestante, quando questionada se acreditava nestes seres, expressou o conflito: «existir, existem, mas eu não acredito neles». Dessa forma, percebe-se o conflito cultural oriundo das crenças tradicionais no meio rural ribeirinho nestes seres e a proibição religiosa das igrejas protestantes locais que vêm em qualquer que seja a manifestação religiosa indígena uma origem diabólica.

Os conflitos religiosos, todavia, não existem apenas entre pessoas de religiões diferentes. Nas falas dos alfabetizados mais idosos são notórias a preocupação e a desaprovação aos hábitos dos mais jovens que tem se afastado da vida religiosa e dos valores humanistas das religiões.

Na região ribeirinha este fato é especialmente marcante. Os jovens, enfeitiçados pela vida moderna e pelos valores urbanocêntricos, julgam a vida comunitária tradicional como inferior e nesse processo dessacralizam as práticas cotidianas. Os

alfabetizando mais antigos como a Magali reclamam: «esses mais jovens não estão mais acompanhando como a gente acompanhava a igreja. Por isso, que está essa desobediência aos pais. Não respeitam mais de jeito nenhum!».

Assim, percebe-se uma multiplicidade de conflitos que envolvem o tema religiosidade e que refletem a diferença por contexto cultural, o etnocentrismo, a intolerância religiosa e as histórias de vida de cada um. O educador popular do Espaço Educativo pesquisado, face às manifestações religiosas e, particularmente, aos conflitos presentes, tem assumido uma postura humanista de «acolher» o educando na sua singularidade, e crítica ao viabilizar problematizações sobre as relações de poder que se instauram nas intersubjetividades religiosas.

Considerações Finais

O trabalho de alfabetização com jovens, adultos e idosos realizado pelo Espaço Educativo Popular em comunidades periféricas e hospitalares de Belém e em comunidades rurais-ribeirinhas nos apontam para a necessidade de deslocar o debate em nível educacional do ensino religioso para as manifestações religiosas presentes nas práticas cotidianas escolares.

Enquanto se discute a laicização do ensino público e como vai ser trabalhado pedagogicamente nas escolas o ensino religioso, bem como de que maneira ele vai ser inserido no currículo oficial, não se atenta para o fato de que nas práticas cotidianas escolares há uma diversidade cultural, na qual a religiosidade faz parte, e que se manifesta por meio de símbolos, rituais, expressões, etc.

Os ambientes educativos têm seus rituais religiosos, os docentes e os alunos expressam suas representações, símbolos e manifestações religiosas em sala durante as atividades pedagógicas, por isso não podem ser secundarizados, porque podem se tornar fatores de conflitos, de discriminação e de exclusão social.

É no debate da diversidade cultural e na perspectiva de uma educação humanista que a religiosidade tem que ser considerada tema e uma questão pedagógica fundamental de preocupação e de formação dos educadores.

Os educadores do Espaço Educativo Popular face às manifestações religiosas de seus educandos em seus ambientes ribeirinhos, periféricos e hospitalares encontram dificuldades em lidar com o tema e com os conflitos religiosos, em função muitas vezes de sua própria história de vida, ou pela ausência de informações mais profunda sobre o

assunto. Mesmo tendo dificuldades demonstram a ousadia pedagógica de enfrentar os problemas, enfrentam os desafios da convivência com a diversidade cultural e inovam na metodologia buscando o diálogo religioso e criando estratégias pedagógicas, como a prática da oração Pai Nosso, que minimizem os conflitos.

Essa atitude de enfrentamento está baseada em sua compreensão humanista de religiosidade, que ultrapassa a visão institucional e centra-se na valorização da pessoa humana e nas relações dialógicas intersubjetivas, em busca de uma sociedade mais justa e humana.

O projeto pedagógico deste Espaço Educativo, com sua base teórica freireana contribui para essa formação humanista de seus educadores e que reflete em suas práticas educativas. A pedagogia freireana, comprometida com as classes populares, enfatiza o ser humano, como ser inacabado e de busca, o núcleo fundamental da educação e estabelece em seus conceitos de tolerância, diálogo, amorosidade e esperança uma ética que fundamenta e norteia a práxis educativa.

Nesse estudo foram identificados os seguintes indicadores pedagógicos para serem trabalhados nas formações de educadores populares:

- 1) o aprofundamento teórico sobre o tema e os problemas referentes à diversidade religiosa;
- 2) a religiosidade ser considerada tema gerador;
- 3) a continuidade na criação de dinâmicas e estratégias pedagógicas, que viabilize o diálogo inter-religioso, a superação da marginalidade e da discriminação de algumas religiões e a minimização dos conflitos;
- 4) o desenvolvimento de pesquisa na área da religião e educação de jovens e adultos;
- 5) o olhar para a interação dos temas geradores, numa perspectiva interdisciplinar, procurando promover atividades pedagógicas que viabilizem as relações entre as temáticas e a realidade social e existencial dos educandos;
- 6) a inclusão nas pesquisas sócio-antropológicas da identificação do universo religiosos dos educandos.

Com esses indicadores espera-se que a práxis educativa popular avance na construção de uma educação crítica e dialógica, fomentando em seus ambientes educativos, relações de respeito à diversidade cultural, a autonomia dos educandos e ações solidárias e fraternas entre os atores educacionais jovens, adultos e idosos.

Referências

BRAGA, Maria Vilma. *A religiosidade em comunidade hospitalar de Belém do Pará*. (mimeo). Belém: CCSE-UEPA, 2005.

BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

CATTELAN, João Carlos. Matrix!?. In: GREGOLIN, Maria do Rosário e BARONAS, Roberto (Org). *A análise do discurso: as materialidades do sentido*. 2 ed. São Carlos: SP: Claraluz, 2003.

CHIAVEGATO, Augusto José (Org.) *Homem hoje*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente. In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPED, Set/Out/Nov/Dez, 2004.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 2 ed. São Paulo: Olho D'Água, 1993.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Leituras freireanas sobre educação*. São Paulo: UNESP, 2003.

OLIVEIRA, Kássya Christinna et al. Educação em ambiente hospitalar: a complexidade vida-morte. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno (Org). *Cadernos de Atividades Pedagógicas em Educação Popular: pesquisas e práticas educativas de inclusão social*. Nº 1. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

PAULY, Evaldo Luis. O dilema epistemológico do ensino religioso. In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPED, Set/Out/Nov/Dez, 2004.

PEREIRA DE SÁ, Celso. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

WEREBE, Maria José Garcia. A laicidade do ensino público na França. In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPED, Set/Out/Nov/Dez, 2004.